

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS-MS
LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

VALERIA ORTEGA DOS SANTOS FREITAS

A VOZ DA MULHER AFRODESCENDENTE NA LITERATURA

**Dourados-MS
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS-MS
LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

VALERIA ORTEGA DOS SANTOS FREITAS

A VOZ DA MULHER AFRODESCENDENTE NA LITERATURA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora Prof^a Dr^a. Ana Claudia Duarte Mendes.

Dourados-MS

2016

F938v Freitas , Valeria Ortega dos Santos

A voz da mulher afrodescendente na literatura/ Valeria Ortega
Dos Santos Freitas. Dourados, MS: UEMS, 2016.

37p. ; 30cm

Monografia (Graduação) – Letras habitação Português/Inglês –
Universidade Estadual de Mato Grosso dos sul, 2016.

Orientadora: Prof. Dr^a Ana Claudia Duarte Mendez

1. Mulher 2. Escravidão 3. Afrodescendente I. Título

CDD 23.ed. – 305.4

VALERIA ORTEGA DOS SANTOS FREITAS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABITAÇÃO PORTUGUES/INGLES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A VOZ DA MULHER AFRODESCENDENTE NA LITERATURA

APROVADO EM: _____ / _____ /2016

Orientadora: Prof. Dr. Ana Claudia Duarte Mendes

Prof. Ms. Cleber José de Oliveira

Prof.Dr. Emílio Davi Sampaio

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.
Ao meu marido Daniel, meus pais, irmãos, sogros e a minha querida orientadora Ana Claudia Mendes Duarte, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo dois contos da literatura afro-brasileira, de autoria feminina. O conto *A escrava*, de Maria Firmino dos Reis, e o *Duzu Querença*, de Conceição Evaristo. Nosso objetivo é estudar como é retratada a imagem da mulher no século dezenove, pensando o tema da escravidão, e a mulher na contemporaneidade, discutindo a questão da mulher negra e a sociedade opressora e patriarcal. Dialogaremos inicialmente com Bonnici (2007) sobre a questão da mulher, com Lopes (2006) sobre as imagens da escravidão, bem como utilizaremos as discussões de Lobo (2007), Zolin (2009) e Bonnici (2007) a fim de compreendermos como a mulher é discriminada, e em especial a mulher negra, que além de oprimida tem papéis reservados a ela nessa sociedade. Observaremos o contexto social presente nos textos literários, no qual a mulher branca tinha dificuldade em expressar suas ideias, e no caso das mulheres negras imperavam o analfabetismo, o abuso sexual e os maus tratos.

Palavras-chave: Mulher, escravidão, afrodescendente, discriminação.

ABSTRACT

The current undergraduate thesis aims the study of two African-Brazilian Literature tales by female authoring. The tale *A escrava* (The slave), by Maria Firmino dos Reis and *Duzu-Querença*, by Conceição Evaristo. Our goal is to investigate how it is portrayed the profile of the nineteenth century women, considering the slavery theme and the women nowadays, discussing the issue of the black women towards the oppressive and patriarchal society. Firstly, echoing Bonnici (2007) on the issue of women, with Lopes (2006) on the representation of slavery, as well as using Lobo (2007), Zolin (2009) and Bonnici (2007) findings, in order to comprehend how the women is discriminated, especially black women, which besides they are oppressed, they have restricted roles in this society. We will look into the social context in the literary texts, whom the white women struggle expressing their ideas, and with regard to black women, the illiteracy, sexual and women abuse were prevailed.

Keywords: Woman, slavery, afrodescendant, discrimination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	11
1.1.Contexto histórico.....	11
1.2 Maria Firmina dos Reis e sua época.....	13
1.3 Análise do conto <i>A escrava</i>	15
CAPITULO II.....	23
2.1 Contexto historico.....	23
2.2 Conceição Evaristo.....	26
2.3 Análise do conto Duzu-Querença.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo dois contos da literatura afro-brasileira, de autoria feminina. Nosso objetivo, no primeiro conto, é estudar como é retratada a imagem da mulher em pleno século dezenove, em especial o tema sobre a escravidão. Nesse contexto social, a mulher branca tinha dificuldade em expressar suas ideias, e no caso das mulheres negras imperavam o trabalho escravo, o analfabetismo, o abuso sexual sobre as escravizadas, a venda do ser humano, os maus tratos. Dialogaremos com Bonnici (2007) sobre a questão da mulher e com Lopes (2006) sobre as imagens da escravidão.

O conto *A escrava* tem como protagonista uma mulher abolicionista que fala a respeito de uma escrava, que sofreu por perder seus filhos por pessoas que traficavam a carne humana, que naquela época era uma prática comum, o tráfico de humanos, especificamente o negro.

O segundo conto escolhido para a análise tem como contexto social a sociedade contemporânea, discute a questão da mulher negra e suas possibilidades de escolhas em um universo repressor. Para tanto, utilizaremos as discussões de Lobo (2007) e Bonnici (2007) a fim de compreendermos como a mulher, negra e discriminada irá enfrentar um ambiente opressor.

A escolha deste tema nos levou a discutir a importância da mulher na sociedade em diferentes épocas, a primeira representada pela escrava no século XIX, que não tinha direito como uma pessoa livre, praticando sempre os trabalhos escravos. Já a segunda mulher que representa nosso segundo conto no século XX é vista como objeto sexual, e eram destinadas a elas apenas o direito de cuidar da família e de gerar filhos.

CAPÍTULO I

Pensar sobre o papel da mulher na sociedade, em diferentes épocas, é o percurso de leitura que pretendemos fazer, para compreender as bases sociais que sustentam o preconceito racial e de gênero na sociedade contemporânea. Para tanto, começaremos nossas leituras a partir de um conto que retrata a imagem da mulher escrava, em pleno século dezenove, sob a estética do Romantismo.

Neste conto, a autora irá mostrar tudo o que passou uma mulher negra, escrava, destinada a todo tipo de trabalho, seja o braçal, nos roçados ou no interior da casa grande, cozinhando, lavando e cuidando dos filhos dos seus senhores, e sofrendo violência, seja por atos sexuais ou por chibatadas, praticada a mando de seus donos, como eram conhecidos naquela época.

1.1 Contexto histórico e escravidão

Os portugueses, de acordo com Lopes (2006), dedicaram-se ao comércio de pessoas escravizadas a partir de 1442, quando capturaram os primeiros negros da Mauritània. Mas o comércio de pessoas escravizadas em território brasileiro inicia-se depois, de acordo com Lopes (2006):

Em 1532 é fundado no Brasil, por Martim Afonso de Souza, o primeiro centro produtor de açúcar, que é a Vila de São Vicente, no atual Estado de São Paulo. E parece que é nesse ano que, trazidos pelo negreiro Jorge Lopes Bixorda e vindos certamente para trabalhar nesse núcleo pioneiro, chegaram à Colônia os primeiros escravos africanos. (LOPES, 2006, p. 173)

Ainda segundo o pesquisador, em 1550, intensificou-se o comércio de escravos, com o dê embarque dos primeiros escravizados no porto de Salvador – Bahia, para prover de mão de obra as fazendas de produção de cana de açúcar no Nordeste do país, estas pessoas eram provenientes do Reino do Congo, do Dongo e de Benguela (LOPES, 2006).

Durante o período em que Portugal ficou sob domínio da Espanha, de 1580 até 1640, sob a regência da casa reinante dos Habsburgo, os reis foram representados em Portugal por um vice-rei, ou um corpo de governadores. No Brasil,

as disputas pelo território irão se intensificar, bem como a luta por liberdade dos escravizados, que irão se rebelar e fugir para o interior, nas florestas, organizando-se no que ficou conhecido sob o nome de quilombo¹.

O mais conhecido deles foi sem dúvida o de Palmares, que de acordo com Lopes (2006), teve sua formação inicial como resultado da revolta dos escravos de um grande engenho pernambucano, que tomaram a sede da fazenda, mas temerosos das represálias, migram, “[...] esses escravos sobem a Serra da Barriga, se embrenham na floresta e lá, na localidade conhecida como Palmares lançam as bases daquele que seria o primeiro Estado Livre da história do Brasil.” (LOPES, 2006, p. 175)

Ao longo da história do país serão diversos quilombos a se formarem em todo território, representando a luta constante por liberdade, e a compreensão de que a escravidão não foi aceita passivamente pelas pessoas escravizadas, pelo contrário, muitos se uniram aos povos da floresta e lutaram juntos contra a empresa colonial.

Este representa o primeiro ciclo econômico da colonização portuguesa, que mudou seu foco, da agricultura para a extração de minérios e ouro, com a descoberta das minas no país. Tal fato mudou também os locais de captura dos escravizados, que para agricultura, era necessária a experiência dos povos que trabalham na terra, como os bantos, provenientes do Congo, Angola e Moçambique. Mas com a descoberta das minas de ouro ocorreu:

[...] o deslocamento do principal eixo escravista para a região do Golfo da Guiné, onde se supunha que os habitantes fossem mais experientes no trabalho das minas, determinando também, no Brasil, a mudança dos principais pontos de desembarque de escravos para locais como a costa sul do atual Estado do Rio de Janeiro e o litoral norte do atual Estado de São Paulo. Além disso, a chegada do Ciclo de Ouro trazia outra realidade: como o tempo de vida útil do escravo no trabalho de mineração era trazido à metade em relação à lavoura de cana, onde se descansava na entressafra, por essa época o Brasil passava a precisar de cada vez mais escravos (LOPES, 2006, p. 182).

Com a diversidade de exploração econômica do Brasil, cada vez mais dependente da mão de obra escrava, a colonização portuguesa se expande para o

¹ Os quilombos: No período colonial, comunidade fortificada formada por negros fugitivos e por uma minoria branca e indígena, organizada politicamente, representando uma forma de resistência e combate à escravidão. Locais onde escravos fugitivos se refugiavam nas matas; mocambo. Etimologia: *quimbkilombo*. (<http://michaelis.uol.com.br>)

interior do país, transformando o tráfico de pessoas escravizadas a atividade mais lucrativa no continente, e mais duradoura.

Este breve panorama da economia brasileira inicia nossas reflexões sobre a organização do país, que se dava à custa do trabalho forçado de uma população sequestrada e escravizada. Nesse sentido, podemos afirmar que os escravos inseridos na sociedade brasileira eram apenas vistos como mercadorias a serem substituídas, quando não serviam mais para a atividade econômica a que se destinavam no processo de compra.

A condição do negro na sociedade brasileira como escravo irá perdurar por vários séculos. O texto objeto de nosso estudo está inserido nesse contexto, no século XIX, pertencendo ao estilo de época conhecido como Romantismo.

O contexto histórico, que presenciou a ascensão social da burguesia e o fomento de novas idéias, deu origem ao estilo de época que chamamos de Romantismo. A sociedade brasileira sofrerá influência das mudanças externas, com a presença de uma nobreza decadente e uma pequena burguesia ascendente, conforme atesta Bosi (1994, p. 91):

O primeiro e maior círculo contorna a civilização no ocidente que vive as condições próprias da Revolução industrial e da burguesia ascendente. Definem-se as classes: a nobreza, há pouco apeada do poder; a grande e a pequena burguesia, o velho campesinato, o operariado crescente. Precisam-se as visões da existência: nostálgica nos decaídos do *Ancien Régime*: primeiro eufórica, depois prudente, nos novos proprietários: já inquieta e logo literária nos vêem bloqueada a própria ascensão dentro de novos quadros; imersa ainda na mudez da inconsciência, naqueles para os quais não soa em 89 a hora da Liberdade-Igualdade-Fraternidade. (BOSI, 1994, p. 91).

As influências do pensamento liberal, embora grandes na literatura, não fazem com que o sistema econômico vigente no Brasil, no caso o regime escravista, modifique-se frente às novidades da Europa, retardando ao máximo a liberdade aos escravos, resistindo assim à formação de um operariado. De acordo com Schwarz (2000), as idéias estavam fora de lugar:

Embora sejam lugar-comum em nossa historiografia, as razões desse quadro foram pouco estudadas em seus efeitos. Como é sabido, erámos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo. Mais ou menos diretamente, vem daí a singularidades que expusemos. Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio econômico burguês – a prioridade do lucro, com seus corolários sociais – uma vez que

dominavam no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada. (SCHWARZ, 2000, p. 13)

As ideias liberais proliferaram em uma atmosfera de hipocrisia, de acordo com o pesquisador, nos salões as discussões geravam em torno dos princípios liberais, mas nas senzalas o regime ainda era escravista.

As condições de vida dos escravos eram as piores possíveis, eram tratados como animais, e suas possibilidades de ascensão eram nulas, uma vez que nem acesso à escolaridade era permitido a estes. Não se configuravam como cidadãos, assim, no período do Romantismo brasileiro não tinha voz, as exceções eram raras:

Analfabeto por vontade expressa da sociedade dominante, o escravo brasileiro é, para nós, testemunha silenciosa de seu tempo. São, de fato, raras as oportunidades que lhe permitem expressar-se por si próprio: quando escravo, ele fala para rebelião, pela fuga, pelo suicídio, e até mesmo pelo crime, fala que são gestos de protesto violentos, mas gestos corajosos, gestos de homens indomáveis e desesperados. Quando libertável ou liberto o ex-escravos fala através daqueles documentos que lhe restituíram a liberdade, e que, tirando-o do anonimato, deram-lhe um rosto de existência própria. (MATTOSO, 1988, p. 37)

Com mínimas possibilidades, a imagem do escravizado no Brasil será construída a partir da voz do outro, do colonizador. Raros são os textos nos quais percebemos uma perspectiva de dentro da escravidão, um desses, iremos estudar a seguir, a obra de Maria Firmina dos Reis.

1.2 Maria Firmina dos Reis e sua época

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luiz do Maranhão, em 1825. Cresceu na companhia de uma tia materna. Jovem ainda, com apenas 22 anos, Maria Firmina iniciou carreira no magistério, com aprovação em concurso público, na cidade de Guimarães - MA. Nessa época, já publicava na imprensa suas obras em poesia, crônica e conto.

A escritora publicou o romance *Úrsula*, em 1859, quando contava 34 anos. A obra é considerada pelos estudiosos da literatura afro-brasileira como o primeiro romance abolicionista no Brasil. De acordo com Lobo (2007) é o primeiro romance da literatura afro-brasileira. A autora publicou a obra sob o pseudônimo de “Uma

Maranhense”. Sobre o fato de ser uma mulher a assinar a autoria do livro, Molina (2016) afirma que:

O ano de publicação do romance, 1859, é palco de muitos acontecimentos na história literária feminina. Em meados do século XIX, poucas eram as mulheres educadas e, esta minoria via na literatura uma forma de ressaltar sua importância na sociedade. A criação de uma educação para as mulheres, mesmo que precária, foi iniciada pelo Império, com a chegada da Família Real ao Brasil. A partir deste momento, elas começaram a moldar uma nova visão acerca de seu papel, e viram por meio desta oportunidade, a chance de mostrarem também seu poder intelectual. Através da imprensa, começaram a publicar artigos, crônicas e poesias, com o intuito de modificar o pensamento preconceituoso ao qual eram submetidas, e ousavam abordar temas inovadores, tais como a defesa do divórcio e o questionamento a respeito do papel da escrava. Neste contexto, o romance de Maria Firmina ganha relevância, pois, mesmo com todas estas barreiras, a autora lança o livro, cujo enredo inclui assuntos considerados polêmicos e proibitivos para a época e, por meio dele, intenciona propagar a produção literária feminina. (MOLINA, 2016, p. 1-2)

As autoras, como Maria Firmina dos Reis, que se destacou em 1859 no Maranhão, em suas obras tem como objetivo questionar o papel da mulher nas sociedades em que viviam. Mas ainda uma das grandes preocupações entre as escritoras quando se fala ao respeito de seus escritos, como afirma Bonnici (2007):

Durante a Segunda Onda Feminista, a preocupação das feministas envolvia (e ainda envolve) os fatores seguintes: (1) a exclusão de textos escritos por mulheres ou de publicações ou de estudos acadêmicos principais; (2) as representações de mulheres em textos canônicos escritos por ambos os gêneros; (3) a representação da experiência única feminina feita em sua própria escrita; (4) o desenvolvimento de formas próprias de linguagem para representar as experiências acima. Várias razões foram levantadas para explicar a ausência ou número reduzido da autoria feminina. (BONNICI, 2007, p. 28).

Mesmo hoje, com o aumento de publicações de autoras femininas, reconhecidas mundialmente por seu estilo e desenvoltura, a luta para que a mulher tenha seu nome prestigiado como uma escritora, independentemente de sua cor, ainda é grande em nosso país:

O conto *A ESCRAVA* foi publicada pouco meses antes da abolição, em novembro de 1887, sendo posterior à *As vítimas algózes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo, *A escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães e *O mulato* (1881), de Aluisio de Azevedo. Nele a autora emprega o mesmo recurso narrativo utilizado em *Úrsula*: a narrativa dentro da narrativa. *A escrava* se compõe de uma discussão entre pessoas sentadas num salão sobre a escravatura e a sorte de uma escrava e sua família. (LOBO, 2007, p. 346)

Nesse conto a escritora faz o discurso abolicionista, anos depois, após se aposentar na década de 1880, a escritora ainda fundaria a primeira escola mista e gratuita do Estado. Maria Firmina voltara às salas de aula, mas a escola teve que ser fechada na época, por causa do escândalo causado no povoado de Maçaricó, devido ao fato da escola “misturar” meninos e meninas. Sempre lutando pela educação e melhores condições aos negros e as mulheres, ela ainda seria responsável pela composição do Hino da Abolição da Escravatura. Maria Firmina dos Reis morreu em 1917 aos 92 anos na cidade de Guimarães.

Teve em vida o privilégio de presenciar a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Porém, infelizmente, não pode presenciar o devido reconhecimento dos críticos de sua época pelas suas obras e lutas.

Revelada ao grande público apenas na década de 1970, Maria Firmina dos Reis ainda é pouco presente na historiografia da literatura canônica brasileira. É válida, portanto, indubitavelmente, toda a menção honrosa a memória dessa grande brasileira. Negra, nordestina, pobre, bastarda, mulher. (DAMASCENO, 2016)

1.3. Análise do conto *A escrava*

O conto que escolhemos é *A escrava*, que tem como personagem inicial uma mulher abolicionista, que nos é apresentada sem grandes descrições e sem identificação de seu nome. A ênfase no início do texto está voltada mais para o diálogo das personagens do que para a descrição destas, que era mais ao gosto do estilo romântico.

No conto, a personagem encontra-se em um salão, comum à época, onde as pessoas se reuniam, conversavam sobre amenidades, política, e tudo que fosse referente à vida na sociedade. Maria Firmina dos Reis, neste conto nos apresenta uma mulher branca, da alta sociedade, que discursa contra a escravidão, apresentando argumentos que eram utilizados na época, apontando questões religiosas e econômicas. Como podemos ver no discurso inicial da personagem:

-Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas; faz-me, até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica ai se erguem, e falam bem alto esmagando

a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me: Para que se deu o sacrifício, o homem Deus, que ali exalou seu derradeiro atento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter este sangue comprado a liberdade?

E depois, olhai a sociedade... Não verdes que a corrói constantemente... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio: porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha: porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres: por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de nós (REIS, 2010, p. 111-112).

A personagem, nesse fragmento, aponta os discursos comuns à época, iniciando com conceitos religiosos, falando sobre os ideais do cristianismo, enquanto irmandade entre os homens e a idéia de liberdade. Este ideal é misturado com os argumentos de ordem econômica, conforme apontamos no item 1.1, sobre os ideais liberais, defendidos pela burguesia ascendente e que não prosperavam no país de estrutura escravista.

O comércio crescente necessitava de mercado consumidor, incompatível com a exploração da mão de obra escrava. A personagem destaca também em sua tese a pressão que o Brasil sofria do mercado internacional, pois a escravidão enquanto regime econômico já não interessava às nações européias.

Na obra, Maria Firmina dos Reis elege como personagens centrais do conto, mulheres, e a partir do discurso destas busca quebrar o tabu vigente na época, de que apenas os homens poderiam discutir temas sérios como economia e política, cabendo à mulher os assuntos referentes às amenidades. Ao destacar a mulher como parte deste conjunto de pessoas, a autora nos mostra como era a situação da mulher naquele período, que não podia transmitir sua opinião sobre qualquer assunto que dizia respeito à sociedade. Nesse sentido, podemos pensar que:

Um dos grandes objetivos dos Estudos Feministas é a compreensão do fenômeno universal da dominância masculina através de análises sobre as construções culturais de macho e fêmea, ou seja, a desconstrução do construto do gênero e da cultura subjacente. As teorias de Levis-Strauss (1969) e de Ortner (1974) tentam explicar a origem e a persistência dessa dominância masculina. Levis-Strauss atribui esse conceito ao sistema de parentesco com seu tabu contra o incesto e a uma forma subsequente de organização social (comércio, rivalidade e reciprocidade) em que a mulher é um objeto de troca entre os homens. Ortner atribui essa dominância à

oposição natureza-cultura. Ao homem atribui-se a cultura e á mulher a natureza. O corpo da mulher, mais do que o do homem, simboliza os processos de reprodução, enquanto a sua tarefa de cuidados filiais a liga *per ser* ao lar e á natureza, em oposição ao homem envolvido nos domínios públicos de fazer ferramentas, nutrir a política, caçar e outros. Essas teorias foram rechaçadas por vários autores, que apontam o essencialismo dos conceitos, a falsa idéia da universalidade dos conceitos e a ausência de neutralidade dos valores. (BONNICI, 2007, p.66)

Nesse contexto, o homem era quem dominava todos os trabalhos sociais e políticos, a produção de riqueza no Brasil utilizava-se da mão de obra escrava. Nesse sentido, a mulher era apenas um objeto de reprodução. No conto, a autora busca demonstrar que a mulher não é apenas um objeto de procriação, mas que entende de política e economia, e defende sua opinião sobre determinado assunto como a do “escravo ou a mulher negra”, ao dar voz à personagem feminina, faz com que esta demonstre ter opiniões firmes e próprias, não dependendo de apoio masculino para defender seus pontos de vista:

A feminilidade é um suposto e idêntico modo de ser, pensar e viver próprio da mulher. A feminilidade é um construto cultural, ou seja, padrões de sexualidade e comportamento imposto por regras sociais e culturais. Na literatura ficcional, especialmente do século 19, a feminilidade conota os fatores mais degradantes e regressivos da sujeição feminina, tais como o anseio de ser amada, a dependência, a obediência, a imagem narcisista de si, o conforto material e emocional da identidade classista, contrapondo-se ao feminismo caracterizado por elementos de impulsos rebeldes e subversivos para conquistar a autonomia. (BONNICI, 2007, p. 85)

Ao prosseguir em seu argumento, a personagem fala a respeito dos escravos, como eles eram tratados pelos seus respectivos donos e, principalmente de uma escrava, que sofreu por perder seus filhos por pessoas que traficavam a carne humana, que naquela época era uma prática comum, o tráfico de humanos, especificamente o negro.

Como é relatado no conto, as escravas eram submetidas a todos os trabalhos, inclusive a do campo junto com os escravos homens. Elas viam na fuga de sua condição a única forma de se libertar e a seus filhos, pois a rotina de trabalhos forçados somados aos castigos corporais no tronco, com chibatadas, que aconteciam constantemente, marcavam a vida sofrida que enfrentavam. Muitas delas, com tanto maus tratos, não aguentavam e acabavam morrendo.

No conto, a autora mostra duas mulheres distintas, de classes sociais e étnicas diferentes, uma “mulher branca” e “uma mulher negra” passam por diferentes situações. A mulher branca que pode andar livremente sem ter que prestar contas a

outras pessoas, livre para fazer o que quer; a mulher negra “*escrava*” deve apenas seguir ordens de seus donos, não é livre para viver como ela quer:

Colocadas em situações subalternas, muitas vezes as mulheres colonizadas não lutavam diretamente contra o imperialismo, já que tinham outras prioridades, com a educação e os direitos civis, as quais foram registradas pela história, como aconteceu no caso dos “libertadores”. (BONNICI, 2007, p.110)

Na explicação de Bonnici compreendemos quanto de diferenças perpassavam as questões envolvendo as duas personagens. A luta por reconhecimento da mulher branca diferencia-se substancialmente da luta por liberdade da mulher negra. Nesse sentido, a mulher negra, *Joana*, do conto é uma pessoa sofrida, maltratada pela vida, não pode ser representada pela mulher branca, personagem que narra esta história, pois as duas vivem em diferentes situações e não podendo ser generalizadas na mesma “condição de mulheres”, por conta da cor da pele que diferenciava a mulher negra da mulher branca, e do contexto histórico do Brasil, ainda sob o regime da escravidão:

Até há pouco tempo presumia-se que, de modo geral, as mulheres negras estivessem incluídas na categoria “mulher” e que a representação de mulheres predominantemente brancas e de classe média pudesse ser generalizada ou universalizada para todas as representações de mulheres, prescindindo de raça. Pensava-se que, quando se falava da imaginação feminina, da mulher escritora e da tradição literária feminina, estivesse também falando automaticamente da mulher negra e de suas características. (BONNICI, 2007, p.106)

Esta fala do pesquisador contempla ainda hoje a luta das mulheres negras no Brasil, abolida a escravidão, há um longo percurso a ser feito por essas, no sentido de reconhecimento e conquistas nos campos políticos, econômicos e sociais.

Retomando a narrativa do conto, nossa atenção centra-se na história de *Joana*, que passa a ser contada pela mulher descrita no início, e que a utiliza para tornar mais contundente seu discurso contra a escravidão e a condição de mulher nesse contexto. A narradora diz que, em um dia em que já estava quase anoitecendo, deparou-se com uma escrava:

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei... Mas sentia-me com disposições para o pranto. De repente uns gritos lastimosos angustiados feriam-me os ouvidos, eu vi uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra

desapareceu. Seguia com a vista. Ela espavorida, e tremula, deu volta em torno de uma grande mouta de murta, e colocando-se no chão nela se ocultou. Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que minutos antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos, magoados, com gritos de suprema angustia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo no lugar que a vi ocultar-se. Ela muda, e imóvel, ali quedou-se. (REIS, 2010, p. 113)

De acordo com Coutinho (1996), uma das características do Romantismo é o senso do mistério, neste trecho quando a narradora se depara com a escrava com o ar de desespero, agonia e o medo de ser capturada por seu feitor, desperta de sua agitação interior, a curiosidade diante de tal aparição, de tal mistério, se configuram na narrativa romântica:

O espírito romântico é atraído pelo mistério da existência que lhe aparece envolvida de sobrenatural e terror. Individualista e pessoal, o romântico encara o mundo com espanto permanente, pois tudo - a beleza, a melancolia, a própria vida - lhe aparece sempre novo, e sempre despertando reações originais em cada qual, independentemente de convenções e tradições. (COUTINHO, 1996, p. 9).

O espírito de mistério faz com que nossa narradora sinta curiosidade ao se deparar com aquela mulher, o sentimento de melancolia e medo em que ela estava envolvida e dá lugar a esta ação. Pois percebeu que a mulher estava fugindo de um feitor de uma das fazendas que havia pela redondeza, com o medo exalando nos olhos a negra mal conseguia conversar.

A personagem narradora resolveu socorrer a mulher, apesar dos costumes da época, pois ninguém podia se colocar entre o escravo e seu senhor, questões de propriedade. Ao despistar o feitor com suas evasivas, este continuou a busca, sempre a resmungar, pois com a noite chegando a escrava irá sumir para mais longe e não conseguiria recuperá-la novamente. Com a saída do feitor a narradora volta a procurar aquela negra, que já considerava sua protegida.

Ao caminhar procurando a mulher ela se deparou com o medo novamente, pois um homem vinha em sua direção, primeiro achou que seria um de seus criados, que tinha convocado para estarem naquele lugar. Mas...

Era quase uma ofensa ao pudor fixar as vistas sobre aquele infeliz de corpo seminu mostrando cobertos de recentes cicatrizes, sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado decopioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora languidos pela comoção de angustia que lhe pintava na frente, ora deferindo luz errante, e tremulam agitada, e incerta

traduzindo a excitação, e o terror, tinham um que de altamente interessante. (REIS, 2010, p. 115)

A descrição que a narradora personagem faz é curiosa, pois apresenta um homem com alguns adjetivos incomuns para tal cena, as antíteses tornam a descrição inusitada, pois diante de alguém “infeliz”, com corpo: “seminu” e “cicatrizes”, ninguém concluiria com fisionomia: “franca” e “agradável”. Curioso também são os sentimentos que tal cena desperta na narradora, pois diante desta grotesca aparição, que lhe inspirara terror inicialmente, passou a sentir que “tinham um que de altamente interessante”. Tal sentimento corresponde ao ponto de vista da narradora, que francamente pró abolição, sentia simpatia pelos sujeitos escravizados.

Na sequência da narrativa, a personagem se identifica diante do escravo, e o auxilia no socorro a ser prestado à Joana, motivo do encontro dos dois. Com a chegada dos empregados da personagem narradora, Joana e o filho são levados a sua propriedade, que não ficava distante daquele ponto.

Enquanto a personagem narradora tentava reanimar a moribunda, Joana acorda de seu transe e tem o seguinte diálogo com o filho:

Minha mãe!...Minha mãe, de novo exclamou o filho.
 Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:
 -Carlos!... Urbano...
 -Não, minha mãe, sou Gabriel.
 -Gabriel,tornou ela, com a voz estridente. É noite, e eles para onde foram? De quem fala ela? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.
 -É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde este dia ela endoudeceu.
 -Horror! Exclamei com indignação, e dor. Pobre mãe! (REIS, 2010, p.118-119)

Neste trecho do conto, temos o diálogo da personagem Joana quando vê seu filho Gabriel, e o confundiu com os outros filhos que foram vendidos. A descrição do horror da escravidão a partir do ponto de vista de uma mãe, para quem a lembrança de perder seus filhos torna a vida intolerável, o estágio da loucura toma conta de Joana, a desumanização, rompe com qualquer possibilidade de lucidez.

No progresso de sua condição Joana constrói imaginações sobre seus filhos que foram vendidos como carne humana, pensando que eles estão ao seu lado.

Demonstrando a loucura que todos falam sobre ela, e falando dos seus serviços, dos feitores que estavam a sua captura e o sentimento da morte que a rodeava:

Tenho a vista tão fraca... É a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... Meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este também é escravo!

E os soluços da mãe, confundiam-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era um cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata! Cheguei lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

-Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é pra mim, e pra meu filho? Nunca encontrei em vida um braço que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os pecados, e que já começo a ver seus anjos. (REIS, 2010, p. 120).

Neste momento, a autora muda o foco narrativo, e apresenta a primeira novidade em relação aos textos românticos, o ponto de vista da narrativa é assumido pelo personagem escravizado, narrando ele mesmo suas desventuras e seu sofrimento. Maria Firmina dos Reis é considerada pelos críticos como a primeira escritora afro-brasileira. (LOBO, 2007) Na sequência do conto, a personagem Joana se apresenta, assumindo totalmente a narrativa sobre sua vida:

-Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente á minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda sim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se- tinha eu cinco anos –e disse: A primeira vez que for a cidade trago a carta dela. Vai descansado. (REIS, 2010, p.120)

Na sequência, Joana narra o engodo em que seu pai foi envolvido, o senhor de escravos, não apenas ficou com o dinheiro, como entregou uma folha de papel sem valor nenhum, com quatro palavras escritas, todos analfabetos não souberam o que continha. Com a morte prematura do pai, Joana, com sete anos, foi recrutada pelo senhor para os serviços. E graças às aulas de um escravo mulato, pôde ler a tal carta, que não dizia nada. Sua liberdade foi uma trapaça.

Nesta parte do conto temos relatado os maus tratos relacionados aos escravos, bem como os enganos sofridos por conta de serem analfabetos e de não

terem acesso aos estudos, apenas ao trabalho escravo a que eram designados, mas com a sabedoria de alguns escravos aprendiam a ler algumas palavras, para enfim descobrirem que eram enganados por seus donos. O conto *A escrava* nos mostra como os escravos eram enganados pelos seus donos, pois trabalhavam a troco de uma liberdade que nunca chegava. Como podemos observar no episódio narrado sobre a venda do Carlos e Urbano:

-Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus filhos, Carlos e Urbano!...
Nunca mais os verei!
Tinham oito anos.
Um homem apeou-se á porta do engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos - era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração!
Homem a quem as lagrimas de uma mãe não podem comover, nem comover os soluços do inocente.
Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor e saiu.
Eu tinha o coração oprimido pressentia uma nova desgraça. À hora permitia o descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximaram. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos. Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me de mamãe! Mamãe!
Ah minha senhora! Abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante (REIS, 2010, p. 122).

Neste trecho do conto, a autora dá ênfase ao tráfico de carne humana, narrado por Joana sobre a perda seus filhos para pessoas que praticava tal ato. Joana descreve neste momento como foi à separação de seus filhos, por ser uma escrava não tinha direito de lutar por eles. O senhor era quem decidia o destino das crianças, que eram designadas a mão de obra na fazenda ou eram vendidos. O interessante da narrativa é a dimensão humana, que era negada ao escravo, e no conto vibra com a intensidade do sofrimento vivido por Joana.

Após contar toda sua história Joana calou-se, seu filho Gabriel e a mulher ajoelharam-se sobre aquela mulher e exclamaram “morta”. Depois da morte de Joana, aparece o açoite na porta da senhora, benfeitora de Joana, em busca dos pobres escravos. Gabriel é tomado sob a proteção da mulher, que pede que este volte para o lado de sua mãe moribunda. A senhora, ao falar com o feitor, pede que ele leve um cartão contendo seu nome para o senhor Tavares. No dia seguinte o

senhor Tavares aparece exigindo os dois escravos de volta, ao saber que a negra já havia morrido, pede à mulher que lhe entregue Gabriel:

[...] Porém, minha senhora, este negro! –designava o pobre Gabriel, com este negro a coisa muda de figura: minha querida senhora, este negro está fugido: espero mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo. - Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado – minha mãe leva-me contigo.

–tranqüiliza-te, lhe tornei com calma; não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não te confias em mim? Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato – e depois perguntou-me:- Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não compreendo.

- Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papeis subscritados e competentemente selados.

- Sim, minha cara senhora, redargui, terminando a leitura; o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou, hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor, hoje qualquer individuo diz a um juiz de órfãos. Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano –haja ou não aprovação do seu senhor.

Não acham isso interessante?Desculpe-me, senhor Tavares, disse-lhe: Em conclusão, apresento-lhe um cadáver e um homem livre. Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares, cumprimentou, e retrocedeu no seu fogaoso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre (REIS, 2010, p.125 e 126).

Assim termina o conto, com a liberdade concedida a Gabriel, e a retirada de cena do senhor Tavares. A liberdade para Gabriel, comprada pela senhora, sem a autorização do proprietário, representava na época um avanço, ao destacar as mudanças nas leis, que caminhavam para o fim do regime escravocrata, a autora faz uma defesa da abolição da escravatura, inserindo elementos ao texto literário, para propiciar a reflexão sobre o regime escravista. Seu ponto de vista privilegiava a defesa da abolição.

O fim do sofrimento de Joana só é possível na morte, sua condição de mãe e escrava a levaram a um tal estado de alienação de si, que a única possibilidade de liberdade seria na morte. Ao pensar o destino da mulher negra, escrava, no conto, destacamos que a liberdade não é possível, que a morte é destino desejado, para quem não tem direito ao próprio corpo, à vida. E assim termina o sofrimento de uma mãe por ter conseguido encontrar em seu caminho uma mulher de confiança onde pode entrega seu destino e de seu filho.

CAPÍTULO II

A segunda parte de nosso trabalho é analisar as condições de vida de uma personagem afrodescendente, herdeira de todo o processo colonial e escravocrata, em sua luta por sobreviver em uma sociedade que a discrimina e condena a uma vida subalterna.

No conto *Duzu-Querença*, da autora Conceição Evaristo, analisamos a figura da mulher negra feminina na atualidade. O contexto social em que o conto se desenvolve é o dos afrodescendentes que, sem condições financeiras de sustentar e dar escolaridade a todos os filhos, entregavam estes a famílias com posses, com a promessa de trabalho em troca de estudos e qualificação. Tal acordo, na maioria das vezes, não era cumprido, o que gerou o trabalho e a exploração infantil.

A mulher neste conto é vista como um objeto sexual, seu corpo é usado com ou sem o seu consentimento desde criança até sua maior idade.

2.1. Contexto histórico

Bonnici (2007), ao comentar sobre o conceito de mulher na obra *Política* de Aristóteles, destaca o pensamento do filósofo grego, que discute o papel do homem e da mulher na *pólis*. Afirma que o pensador se refere aos termos “homem” e “mulher”, como cidadão livre e sua mulher livre:

A distinção entre homem e mulher é muito diferente daquela entre patrão e escravo (a), já que tudo é regido por função, virtude e natureza de cada um. Embora Aristóteles conceda ao homem a supremacia e á mulher à inferioridade, o (a) escravo (a) é algo insignificante, confirmando a irrelevância da classe escrava para ele. Pode-se dizer que a mulher e o (a) escravo (a) possuem uma natureza que os excluem da classe dos dirigentes da *pólis*, muito embora a natureza da mulher difira da escrava. (BONNICI, 2007, p. 25).

Nesse sentido, na sociedade grega, a mulher escrava era vista como um objeto, tanto sexual e nos serviços domésticos, não tinha direitos como uma pessoa livre. À mulher que tinha status de cidadã na *pólis*, portanto livre, era destinado

também um papel subalterno, inferior ao homem, não tinha direito a nada apenas o dever de cuidar da família e de gerar filhos.

Em sua obra *Bonnici*, afirma que para Aristóteles a mulher é representada como um objeto tanto sexual e doméstico, onde eram destinadas a obedecer a seus parceiros ou seus pais, e na sociedade em que viviam eram vistas como inúteis e não eram capazes e não serviriam para o desenvolvimento da sociedade.

As mulheres podem ser representadas como ausentes ou estereotipadas através de conceitos de atração sexual ou de execução de trabalho domésticos. Essas representações reduzem (1) a divisão sexual de trabalho; (2) os conceitos tradicionais de feminilidade e masculinidade; (3) os papéis sociais (de dona de casa, esposa e filha) como elementos naturais da mulher, predestinados a serem executados por ela no contexto da sociedade patriarcal. (BONNICI, 2007, p. 21)

No oriente médio antigo, a mulher não tinha direitos como pessoa livre. Era submissa ao homem, ou seja, a seu pai ou seu marido (BONNICI, 2007, p. 185). A história de mulheres no Ocidente é muito influenciada pelos mesmos conceitos, a luta por mudanças iniciou-se em meados do século 20, como consequência dos movimentos sociais e políticos.

A produção literária de mulheres era invisível, alegava-se que as narrativas das mulheres foram esquecidas e perdidas porque ninguém se interessava por elas, porque as mulheres não estavam na história como agentes e sujeitos (BONNICI, 2007, p. 139, 140). Como bem destacado por *Bonnici*, a mulher não tinha direitos, apenas o papel de gerar filhos e de cuidá-los, e servirem seus pais ou maridos. A respeito disso, assim se manifesta *ZOLIN*:

A crítica que vale de argumentos que tratam a *biologia* como fundamental tem sido utilizada, de um lado, por homens, que, baseados na máxima “a mulher não é nada além de um útero”, desejam manter as mulheres em seus “lugares”. Trata-se de tomar o corpo da mulher como o seu destino e, portanto, de aceitar os papéis a ela atribuídos como sendo a ordem da natureza. (ZOLIN, 2009, p.227)

Zolin, assim como *Bonnici*, afirmam que a mulher não tinha direitos por ser mulher, e por não possuir um papel de ordenar e expor suas ideias sobre as situações econômicas e políticas da época. Sua condição era definida biologicamente, pois o fato de gerar os filhos definia seu status e destino, não sendo destinada a elas a tarefa de literatas:

Por outro lado, a crítica feminista tem mostrado que a produção literária de mulheres após a década de 1960 tem seguido outros direcionamentos. As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a ela pela ideologia patriarcal, debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústia femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos, como nascimento, maternidade, estupro etc.(ZOLIN, 2009, p.231)

Nessa linha de produção literária de mulheres é que inserimos o conto que estamos analisando, pois a sexualidade representada no texto é permeada pelo preconceito de gênero, que diferencia a mulher do homem, as funções e direitos que estão destinados a cada um. A produção literária caminha junto com a luta pelos direitos das mulheres, que é de longa data a luta pela sobrevivência, De acordo com Zolin (2009), na Inglaterra do século XIX já havia registros de mulheres trabalhadoras, em diferentes setores, como nas fábricas, costureiras, dentre outras atividades, nas quais elas lutavam por seus direitos:

A partir de 1850, começaram a ser encaminhadas às autoridades petições advogando o status legal da mulher, como o direito ao voto, obtidos em 1918; demandas solicitando permissão para as mulheres casadas gerirem seus bens, as quais culminaram na votação da Lei de propriedade da mulher casada (*Marriedwomen'spropertyacts*, 1870-1908); campanhas contra a Lei das doenças contagiosas (*Contagiousdiseasesacts*, 1864), que exigia exames médicos de mulheres suspeitas de serem prostitutas; além de obras feministas que deram continuidade ao primeiro argumento pelos direitos da mulher, escrito no final do século XVIII por Wollstonecraft. (ZOLIN, 2009, p.221)

O discurso sobre o lugar da mulher na sociedade não acompanhava o fato desta ter de sobreviver, de ser quem garantia a manutenção da família, que não é exclusividade da época atual.

Como consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina; mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse “detalhe” referente à autoria. (ZOLIN, 2009, p.221)

As mulheres pobres sempre trabalharam, seja na condição de escravizadas, seja como livres, a diferença está na luta por seus direitos, que começa a ser organizada e mais efetiva a partir do século XX, bem como as questões sobre a autoria dos textos literários, que serão reivindicados pelas mulheres.

2.2. Conceição Evaristo

Uma das autoras que escolhemos para análise da obra é Conceição Evaristo com o conto *Duzu-Querença*. Conceição Evaristo nasceu em 29 de dezembro de 1946, numa favela da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de uma lavadeira, Conceição teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, aos 25 anos.

Conceição é uma das principais expoentes da literatura Brasileira e Afro-brasileira, com projeção internacional, seus livros estão sendo traduzidos em outros idiomas. Colaborou com a série *Cadernos Negros*, editado pelo grupo *Quilombhoje*, de São Paulo, nos quais publicou poemas e contos. Sua obra divide-se em poemas, contos e dois romances.

A obra de Conceição Evaristo reveste-se de um lirismo crítico, sua matéria poética é permeada de reflexões sobre sua vivência, o cotidiano de ser mulher, negra e de lutar contra as desigualdades sociais. Sua obra dialoga com a memória coletiva do povo afrodescendente. É uma mulher e escritora que busca consolidar a escrita das afrodescendentes no universo literário.

2.3. Análise do conto Duzu-Querença

Neste conto, de Conceição Evaristo *Duzu-Querença* nos conta a vida da personagem Duzu, de sua infância até sua vida adulta. No início do texto, a narradora nos apresenta uma mulher maltratada pela vida e, a imagem percebida pelas pessoas como apenas uma mulher de rua:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhado o caminho. Duzu olhou fundo no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão la dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca (EVARISTO, 1993, p. 29).

O conto inicia-se com o fim da trajetória de Duzu, sua condição de vida na velhice, retratando como as pessoas e a família veem esta mulher, punida severamente por conta de seu passado, que ainda não foi informado ao leitor. Ela é

vista como uma mulher desprezada por todos. Por conta da loucura, que a tomou e da qual teremos explicação apenas ao fim do conto:

Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era bem pequena. Viera, numa viagem de trem dias e dias. Atravessara terras e rios. [...] O pai de Duzu tinha nos atos a marca da esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregava meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha do Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital. Duzu ficou com aquela senhora durante muitos anos. (EVARISTO, 1993, p.30 e 31)

A narrativa nos conta como a mulher pobre é tratada desde pequena por seus pais e por pessoas que as acolhem, para que elas possam estudar e se desenvolver financeiramente, mas o que acontece no conto reflete totalmente o contrário de que é esperado por essas pessoas que confiam na bondade, mas tem seus filhos entregues para trabalhos forçados e de quase escravidão.

Foi o que aconteceu com Duzu. Entregue por seus pais para morar com uma senhora que lhe prometeu estudos em troca dos seus serviços. Duzu foi levada para uma casa grande, que continha vários quartos, e não tinha noção das coisas que se passavam naquela casa. Ao chegar à casa da senhora, Duzu ficou encantada por tão grade ser a casa em que iria morar, tinha vários quartos, mulheres muito bonitas que passavam várias coisas no rosto e na boca e Duzu adorava ficar olhando para o rosto delas.

Duzu trabalhava muito, ajudava na lavagem e passagem das roupas, era ela quem fazia a limpeza dos quartos, mas tinha restrições para quando fosse fazer a limpeza dos quartos, que sempre batesse na porta antes de entrar e esperasse que a mandassem entrar.

Depois de alguns dias de trabalho, Duzu se depara em um dos quartos com uma mulher dormindo nua com um homem em cima dela, não sabia o porquê daquela situação:

Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa. Por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. (EVARISTO, 1993, p. 31)

Ao narrar a reação de Duzu, a narradora insinua os sentimentos que começam a aflorar na personagem deixando de ser menina, o sentimento de ver aquela duas pessoas nuas desperta nela primeiro a curiosidade de saber de que se tratava aquela situação, pois o desejo tomava conta de seu corpo e imaginação:

Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele em cima da mulher com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois. Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava sozinho estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas rápido e instintivamente aprendeu a dançar. Ganhava mais dinheiro e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava. (EVARISTO, 1993, p. 32)

Duzu com a pureza nos olhos deixou-se levar pelos encantos e seduções daquela situação, o medo inicial, de não saber o que se passava, deu lugar ao prazer, ao gosto. A moça, gostava da sensação e do dinheiro e o acontecido sempre se repetia todas as vezes que ia limpar os quartos, até ficar sozinha com o homem, agora sem a moça que o acompanhava.

Um dia Dona Esmeraldina foi quem entrou no quarto sem bater onde Duzu estava, e ficou brava com a menina por ela estar se deitando com homens debaixo de seu teto e ganhando dinheiro sozinha usando sua casa, seus quartos, sua cama. Assim, a mulher que havia prometido dar trabalho e estudo para os pais da menina, propôs a Duzu uma mudança, pois para permanecer na casa teria que seguir suas ordens e trocar de função, passar de doméstica para dama de companhia. Duzu entendeu o porquê de o homem lhe dar dinheiro, e de tantas mulheres, e tantos quartos. E entendeu o porquê de nunca mais poder ver seus pais e de Dona Esmeraldina nunca cumprir a promessa de deixar Duzu estudar.

D. Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 1993, p. 33).

Neste fragmento do conto, a narrativa volta-se para denunciar como a mulher que passa a vender seu corpo, para poder sobreviver neste mundo de prostituições,

enfrenta toda sorte de maus tratos, lida com a marginalidade, com a violência, com a brutalidade da sociedade patriarcal. O destino reservado às mulheres que vivem nas “zonas” e nas “ruas” não é dos melhores. Sobre o destino da personagem Duzu:

Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava por que não gostava de homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga para o pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...(EVARISTO, 1993, p.33).

Duzu teve nove filhos e todos espalhados pela cidade, e de seus muitos netos, Duzu tinha no coração apenas três, Angélico, Tático e Querença. A personagem se desespera ao saber que seu neto Tático de apenas treze anos havia morrido. Ele foi apanhado de surpresa por um grupo inimigo, e ela já havia visto ele carregar uma arma. Com a morte de Tático Duzu ganhou uma nova dor para guardar no peito, e sempre ali na porta da igreja. Com a dor no peito, Duzu resolveu voltar para o morro onde morava com seus filhos e se aprofundou no faz de conta e na raia do delírio para viver seus últimos dias de vida:

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldade e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar na cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada a porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando aos delírios, entorpecendo a dor (EVARISTO, 1993, p.34 e 35).

Neste trecho, a personagem Duzu sente a necessidade de se sentir livre e deixar a dificuldade de lado, a imagem dela indo até o varal onde as roupas balançavam ao vento, sentindo-se como um pássaro que vivia por cima de tudo e de todos e feliz, projetando que a dor já não estava mais em seu corpo, traduz esse momento de alienação. A vida foi tão difícil para a personagem que ela escolhe, ao fim, a alienação, desligar-se do mundo real e, dessa forma, metaforicamente junta-se às roupas do varal, e viaja distanciando-se cada vez mais do real.

Em seus delírios, ao fim do conto, Duzu lembra-se de fragmentos da vida, a narrativa torna-se confusa, as imagens da memória misturam-se, da mesma forma que as do texto literário. A personagem desfila suas lembranças da época em que

fez uma fantasia para sair na ala das baianas. Sempre catava papéis brilhantes e costurava em seu vestido esmolambado. Um de seus amigos havia lhe falado que sua fantasia parecia mais com uma roupa de fada do que de baiana. Ao prosseguir em seu delírio, vemos a narrativa do dia do desfile, Duzu foi, voltou, levantou voo, aterrissou e foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos, nos quais visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho:

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... (EVARISTO,1993, p. 36).

Ao fim do conto, a neta de Duzu, Querença, recebe a notícia da morte da avó, e a personagem vê-se cercada pelos mortos, pelos familiares que já haviam feito a passagem para o outro lado, e que agora aproximavam-se dela, o primo que havia partido recentemente. Na memória dos seus, a menina busca forças para continuar sem a avó. A lembrança dos ensinamentos que a vida dura da avó havia impresso em sua consciência faz com ela pense que era preciso reinventar a vida, a menina estava estudando, ajudando as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da associação de moradores e do grêmio da escola. Buscava outra forma de viver, de construir um futuro diferente, que a vida pudesse ser reinventada, para assim fugir da miséria e da dor.

Neste conto, vemos retratados novamente as questões que discutimos sobre o papel destinado às mulheres pobres, em especial às afrodescendentes, o destinado uso do corpo, a miséria e a violência que circulam e aprisionam em uma sociedade desigual. Ao fim, o texto é de esperança, pois apesar das dores ao final aponta um caminho diferente, ainda a ser construído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa de trabalho de conclusão de curso estudou dois contos da literatura afro-brasileira, de autoria feminina. Ao pensarmos sobre as imagens da mulher em diferentes contextos sociais verificamos que as narrativas produzidas por mulheres apontam um ponto de vista ainda não consolidado, a voz das mulheres escritoras na literatura.

Estudar os contos a partir deste ponto de vista, forneceu-nos material para afirmar que se a mulher branca tem dificuldades em expressar suas ideias, muito mais as mulheres negras, pois a elas estavam destinados o analfabetismo, o abuso sexual, e os trabalhos subalternos. Construimos nossa discussão sobre esta perspectiva dialogando com Bonnici (2007) sobre a questão da mulher e com Lopes (2006) sobre as imagens da escravidão.

Ao terminarmos a análise dos contos percebemos que a alienação ainda é o único destino para dar fim ao sofrimento, e a morte a única liberdade possível. Tanto a personagem Joana, a escravizada, aliena-se e tem como destino a morte, como Duzu-Querença, que mesmo na contemporaneidade, não teve sorte diferente. A escolha por tal estado de alienação de si, representou a única possibilidade de liberdade, em mundo de opressão e desigualdades sociais. Ao pensar o destino da mulher negra, escrava, nos contos, destacamos que a liberdade não é possível, que a morte é destino desejado, para quem não tem direito ao próprio corpo, à vida.

Portanto as mulheres trabalhadas em nosso trabalho nos mostrou qual a importância da mulher na sociedade, e os sofrimentos vividos por cada uma delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feminista: Conceitos e Tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994

DAMASCENO, Igor. Maria Firmina dos Reis – Uma Maranhense. Disponível em: <<http://mulheres-incriveis.blogspot.com.br/2012/07/maria-firmina-dos-reis-uma-maranhense.html>>. Acesso em 20 de julho de 2016.

LOBO, Luíza Leite Bruno. *Crítica sem juízo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATTOSO, Kátia de Queirós. O filho da escrava (em torno da lei do ventre livre). In: *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 8, nº 16, março de 1988/agosto de 1988.

MOLINA, Livia Menezes da Costa. Maria Firmina dos Reis, 150 anos de pura ousadia. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/>>. Acesso em agosto de 2016.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. In: *Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira*. Org. Pallas Editora. Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5ª edição. São Paulo: Duas Cidades; Editora, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.